

MICROSCÓPIO

RAUL PILLA

PRESIDENCIALISMO

PURO . . .

RIO, 19.11.53

Tenho sustentado que, descontadas as inevitáveis exceções, não são verdadeiramente democratas os adversários do parlamentarismo, e não passam os presidencialistas de autócratas, que o ambiente, as circunstâncias, os interesses levaram a enfiar roupagens democráticas. Colhe-se isto facilmente da argumentação que desenvolvem, dos receios que manifestam. O que ao sistema parlamentar se argui é, justamente, ser excessivamente democrático para esta pobre gente brasileira. Não há, talvez, mais expressivo exemplo, que o de Gilberto Freyre, o qual com a sua teoria paternalista parece querer condenar o Brasil à minoridade cívica e apesar das vicissitudes políticas, sente pelo sr. Getúlio Vargas, incarnação máxima do paternalismo, uma forte atração e, quase diria, verdadeira ternura.

O deputado Brochado da Rocha, porém, não esconde os seus verdadeiros sentimentos. Com rude franqueza gaúcha, declarou êle aos jornalistas votar contra a emenda parlamentarista por ser presidencialista, e presidencialista com tendências para a ditadura. «As vêzes disfarço — esclarece êle — dizendo-me castilhistas, o que, aliás, é a mesma coisa...»

Realmente, o castilhismo, sistema político consubstanciado na antiga Constituição estadual de 14 de julho, é o presidencialismo sem equívocos e sem subterfúgios, é o presidencialismo desnudado e sem véus, é, em suma, a ditadura pessoal do chefe do Governo claramente estipulada na lei. Tanto isto é certo, que, não sem ufania, chamavam os castilhistas «presidencialismo puro» ao seu sistema. O que se praticava nos Estados Unidos e se tentava praticar no Brasil era presidencialismo espúrio, por transigir com a democracia representativa.

O ilustre deputado sul-riograndense teve, pois, o mérito de dizer com franqueza o que, mais ou menos inconscientemente, está no fundo da alma de todo bom presidencialista e não é difícil trazer à superfície. Graças lhe sejam dadas por isto.